

## Tiro pela culatra? Os efeitos colaterais das sanções à Rússia

*Vamos precisar de (muito) tempo para perceber bem as múltiplas implicações dos efeitos das sanções.*

**José Pedro Teixeira Fernandes | Público | 29 de novembro de 2022**

1. No final de 2022 as sanções da União Europeia à Rússia vão aumentar de intensidade. Vão entrar na fase crítica de desligar totalmente a economia europeia do abastecimento de produtos petrolíferos da Rússia. Será impedida a importação de petróleo russo por via marítima. Serão condicionados os seguros de navios que transportem petróleo russo para países terceiros, feito por seguradores europeus e norte-americanos, à aceitação de um preço máximo do crude. O objectivo é tentar impor politicamente um preço (baixo) e causar um dano profundo à economia russa pela perda de receitas. O objectivo é também forçar a Rússia a aceitar negociações — em posição de fraqueza —, o que permitiria uma saída política para guerra na Ucrânia.

Mas produzirão as sanções o resultado pretendido pela União Europeia (e pelo Reino Unido e EUA)? Em termos gerais, a questão da sua eficácia pode ser analisada sob três perspectivas: (i) a do impacto das sanções na economia e sociedade visada; (ii) a do impacto das sanções nas próprias economias e sociedades de quem as usa como arma política; (iii) a dos efeitos colaterais das sanções no resto do mundo. Nesta análise, é a última perspectiva que merecerá um particular destaque.

2. Muito se escreveu já sobre o impacto das inúmeras sanções económico-financeiras-políticas aplicadas à Rússia. Recentemente, em Outubro de 2022, foi efectuado pelo Bruegel, um *think tank* com sede em Bruxelas fundado pelo antigo comissário europeu Mario Monti, um estudo aprofundado sobre estas (ver M. B. Demertzis et. al, *‘How have sanctions impacted Russia?’ Policy Contribution, 18/2022*). As ideias fundamentais que resultaram desse estudo estão contidas no excerto que aqui se reproduz: “As receitas fiscais russas não sofreram quebras suficientes para reduzir a duração desta guerra. Uma gestão eficaz por parte do Banco da Rússia impediu a instabilidade financeira e, por conseguinte, também protegeu a economia real. No entanto, este quadro de contenção económica está a chegar ao fim. As receitas fiscais da Rússia começam agora a ser afectadas; dada a amplitude das sanções, a economia irá sofrer a médio e longo prazo.”

Todavia, notam ainda os mesmos autores, na medida em que “a economia russa se fecha sobre si mesma, tornar-se-á mais difícil encontrar dados fiáveis para avaliar a extensão do impacto”. Acrescentam também que é “necessária uma coordenação ainda maior das sanções em todo o mundo para isolar a economia russa, limitar o fluxo de rendimentos para os cofres russos e, por conseguinte, ajudar a parar a guerra”. A impressão que fica do estudo do Bruegel é que o impacto real das sanções é uma

questão ainda em aberto. Por um lado, o objectivo político de fazer a Rússia perder receitas fundamentais para a guerra não foi atingido até agora. Por outro lado, é expectável que no médio e longo prazo as sanções comecem a afectar mais seriamente a economia da Rússia, pelo seu efeito gradual e cumulativo. Todavia, será difícil ter a certeza da dimensão real desse impacto, desde logo devido ao encerramento do país sobre si próprio que dificulta a obtenção de dados fiáveis.

**3.** Ainda a propósito das sanções aplicadas pela União Europeia à Rússia, mas também da questão mais geral da (in)eficácia das sanções em múltiplas situações, vale a pena referir aqui um livro recente: *Backfire How Sanctions Reshape the World against U.S. Interests* (Columbia University Press, 2022). A sua autora, Agathe Demarais, é directora de previsão global da Economist Intelligence Unit. Note-se que não é um trabalho especificamente sobre as sanções aplicadas à Rússia pela União Europeia — é centrado nos EUA, o Estado que mais sanções aplica internacionalmente —, abordando casos como o do Irão, o da Coreia do Norte e a guerra comercial e tecnológica EUA-China. Como aí é notado, para além de atingirem os visados, as sanções provocam múltiplos impactos não pretendidos, alguns menores e fáceis de detectar, outros subtis e difusos, mas de grande alcance.

No caso das sanções aplicadas à Rússia, um impacto geopolítico não pretendido foi, desde logo, aproximar o Estados que contestam abertamente a hegemonia do Ocidente: a Rússia da China, mas também a Rússia do Irão e da Coreia do Norte. No caso da guerra comercial e tecnológica EUA-China — se o resultado for desligar as duas economias —, o impacto não pretendido será criar uma China auto-suficiente que se sentirá livre para contrariar as sanções à Rússia, mas também ao Irão, à Coreia do Norte e a outros Estados.

**4.** A questão da Rússia merece ainda uma análise adicional. No médio e longo prazo há dois potenciais efeitos contraditórios das sanções. Um joga a favor do Ocidente (e contra a Rússia). É o já referido efeito cumulativo na degradação da economia e sector energético russo, sendo essa uma consequência directa e pretendida das sanções. Todavia, há um outro efeito colateral importante — este não pretendido — com repercussões geopolíticas potencialmente (muito) negativas para o Ocidente. Joga a favor não tanto da Rússia, mas das grandes economias asiáticas, em particular da China — o Estado que tem mais potencial de subverter a ordem liberal internacional a seu favor. Assim, uma consequência indirecta de cortar completamente o mercado da União Europeia às exportações russas de energia é dar um grande benefício à China. No imediato, esse benefício já está a ocorrer com a venda de petróleo com grandes descontos na Ásia, face aos preços normais do mercado, e tenderá a aumentar no médio e longo prazo. Também no gás natural as sanções à Rússia poderão levar a um grande ganho chinês (não pretendido pela União Europeia).

A China tem um uso de gás natural bastante inferior ao da União Europeia (e dos EUA) e uma utilização muito superior de carvão. Há, por isso, no médio e longo prazo, um potencial de ganho para a economia chinesa ligado ao gás natural, incluindo em matéria de diminuição da poluição ambiental (implica, porém, criar infra-estruturas nessa área).

Nesta altura, a Rússia já é o segundo maior fornecedor de gás natural à China através do gasoduto da Sibéria, posição que deverá ser reforçada. Conexo com tudo isto existe outro efeito não pretendido, sobretudo pelos EUA, que querem manter a supremacia financeira: ambos os países se afastaram do dólar, efectuando pagamentos em rublos e renminbi.

5. As sanções económicas são, então, uma espécie de “ tiro pela culatra ” (*backfire*)? Na prática, os seus efeitos colaterais não pretendidos acabam por diminuir a influência no mundo de quem as aplica? Há esse risco, quando são demasiado prolongadas no tempo, pouco coordenadas internacionalmente, têm objectivos mal definidos e/ou irrealistas e afectam Estados com importância no sistema internacional, subestimando ainda a capacidade de sobrevivência dos governos autoritários. No caso das sanções aplicadas à Rússia vamos precisar de (muito) tempo para perceber bem as múltiplas implicações dos seus efeitos, directos e colaterais, não só no país visado, como ainda em quem as aplica e também no resto do mundo. Provocarão um profundo dano à economia da Rússia, como é o propósito? Agravarão drasticamente a crise energética na Europa, o que não é pretendido? Entramos num terreno desconhecido.

Até agora, as sanções têm tido um amplo suporte dos europeus, por razões simultaneamente morais, económicas e políticas de apoio à Ucrânia. Todavia, como notado, as suas múltiplas consequências ainda não se fizeram plenamente sentir. Caso se mostrem decisivas para terminar com a invasão da Ucrânia, serão um caso de notável sucesso. Mas se a guerra se prolongar muito — e os efeitos colaterais negativos das sanções se forem tornando muito evidentes e impactantes —, não faltará quem olhe para a União Europeia como tendo dado (mais) um tiro pela culatra.

<https://www.publico.pt/2022/11/29/mundo/analise/tiro-culatra-efeitos-colaterais-sancoes-russia-2029473>